

**CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO JOSÉ
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

CARLOS ANDRÉ DE ALBUQUERQUE NAPOLITANO
CARLOS HILTON CRUZ CARVALHO

**Desporto visual: acessibilidade para uma Educação
Física bilíngue do surdo através da arbitragem esportiva**

Rio de Janeiro

2019

Desporto visual: acessibilidade para uma Educação Física bilíngue do surdo através da arbitragem esportiva

Visual Sport: Accessibility for bilingual physical to a deaf education through sporting arbitration

Carlos André de Albuquerque Napolitano

Bacharelado em Educação Física

Carlos Hilton Cruz Carvalho

Mestre em Saúde

RESUMO

O presente artigo aborda a necessidade de promover uma Educação Física com acessibilidade visual para o aluno surdo, demonstrando a importância de desenvolver uma arbitragem visual para o desporto específico desse aluno. A acessibilidade bilíngue ao desporto do aluno surdo é prevista pelo Decreto nº 5.626 de 2005, onde destaca o oferecimento de uma Educação Física de qualidade, com professores capacitados para o uso da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Esse Estudo possui metodologia científica de caráter descritivo, qualitativo e inovador por meio de coleta de dados numa proposta experimental de estudo de caso. O objetivo geral do trabalho consiste em promover acessibilidade visual para aluno surdo através de uma arbitragem visual para o desporto desse aluno. Foi elaborado questionário fechado distribuído a vinte (n=20) professores atuantes no mercado de trabalho, com intuito de obtenção de dados percentuais com amostragem de gráficos. Os dados evidenciaram a importância do professor de Educação Física ser capacitado em LIBRAS.

Palavras-chave: arbitragem, desporto, FDSERJ, inclusão bilíngue, LIBRAS.

ABSTRACT

This article addresses the need to promote a visually accessible physical education for the deaf student, demonstrating the importance of developing a visual arbitrage for that student's specific sport. Bilingual accessibility to deaf students' sport is provided for by Decree nº. 5,626 of 2005, which highlights the provision of quality Physical Education, with teachers trained to use the Brazilian Sign Language (LIBRAS). This study has a descriptive, qualitative and innovative scientific methodology through data collection in an experimental case study proposal. The general objective of the work is to promote visual accessibility for the deaf student through visual arbitration for the student's sport. A closed questionnaire was elaborated and distributed to twenty (n = 20) teachers working in the job market, aiming to obtain percentage data with graph sampling. The data showed the importance of the Physical Education teacher to be qualified in LIBRAS.

Keywords: arbitration, sport, FDSERJ, bilingual inclusion, LIBRAS.

INTRODUÇÃO

A realidade política de uma educação adequada para todas as pessoas desde a alfabetização, em relação ao ensino da Educação Física e a qualificação profissional para o ensino do aluno surdo ainda é muito insuficiente.

A inclusão bilíngue do aluno surdo é muito complexa, devido ao preconceito já pré-estabelecido, como também a falta de profissionais docentes especializados e preparados para instruir esse aluno que não possui uma deficiência e sim uma Diversidade Funcional¹.

Esse estudo possui uma metodologia científica de caráter descritivo, qualitativo e inovador por meio de coleta de dados numa proposta experimental de estudo de caso. Entretanto, para essa pesquisa ser efetivada foi utilizado um questionário em campo, referências bibliográficas através de livros, artigos e Internet sobre a importância da utilização da arbitragem visual para o ensino da Educação Física, contribuindo assim para reforçar o direito da escola bilíngue e o uso da LIBRAS para surdo, e quanto também da sua cultura e identidade.

Há inúmeras leis que amparam a comunidade surda do Brasil em sua acessibilidade para a educação prevista pela legislação. Porém, as principais que norteiam e dão diretrizes vigentes a essa comunidade são: a lei Federal que reconhece a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) com o *status* de língua natural, a Lei nº 10.436 (24/04/2002), o decreto que regulamenta a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), o Decreto nº 5.626 (22/12/2005) e a lei do tradutor e intérprete de LIBRAS, Lei nº 12.319 (01/09/2010).

O objetivo geral do trabalho consiste em promover acessibilidade visual para o aluno surdo, demonstrando a importância de desenvolver a arbitragem visual para o desporto desse aluno.

Os objetivos específicos são:

- a) despertar no docente de Educação Física o conhecimento da

¹ Diversidade funcional (CARVALHO, 2013) é o novo termo que traz uma visão psíquico-linguística-social em substituição do termo usual e clínico de deficiente, pois ele carrega uma historicidade negativa para a constituição do sujeito. Diversidade funcional deseja salientar que não há deficiência e sim ponto de vista interpretativo sobre o que seja dito normal ou anormal. Por isso, diversidade funcional retrata as maneiras diversas de construção do sujeito enquanto especificidade, no que tange características físicas ou sensoriais. Os atletas paraolímpicos comprovam essa veracidade em seus corpos.

LIBRAS e suas nuances;

- b) incentivar o docente de Educação Física para gerir desporto visual do surdo, por uma arbitragem visual específica;
- c) promover o incentivo para uma Educação Física bilíngue ao aluno surdo por meio de recurso visual; e
- d) contribuir para que o aluno surdo possa verdadeiramente se sentir integrado através de uma Educação Física bilíngue.

O trabalho se justifica devido o desconhecimento do corpo docente quanto à questão do uso da LIBRAS para acessibilidade desportiva do surdo, mediante a uma arbitragem visual, que é específica para esse alunato. O trabalho almeja inferir que o desconhecimento sobre o aluno surdo e da LIBRAS acarretará em um não desenvolvimento desportivo do mesmo, o que o desmotivará para o esporte, fato esse que a pesquisa investigará na perspectiva hipotética.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

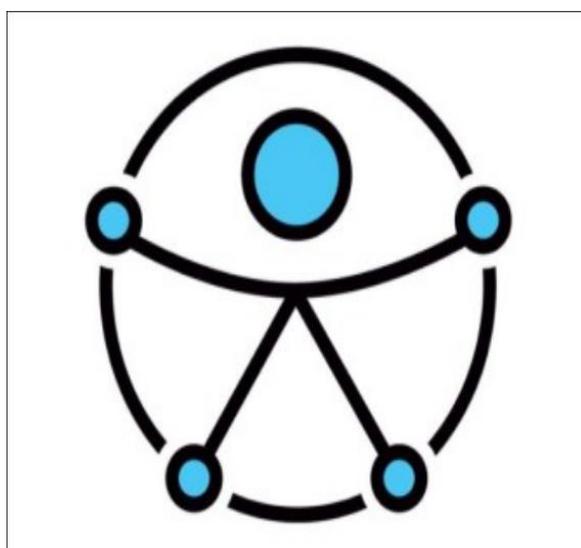
1.1 Desconstrução clínica, diversidade e aquisição de linguagem no surdo

O ouvintismo é uma ideologia que carrega a ideia do ouvinte ser superior ao surdo, e quanto da identidade ouvinte ser superior à identidade surda definida por Skliar (1998, p.15) como um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse um ouvinte. O termo designa a imposição sócio-educacional-cultural e política que sofre o surdo sobre a dominação dos ouvintes que se acham no direito de determinar o que é melhor para ele.

Tal visão provida de ideologia errônea atribuída ao surdo como um possuidor de deficiência vai contra os novos estudos socioantropológicos sobre a diversidade funcional (PEREIRA 2009), o que referencia a perda auditiva numa visão clínica imposta pela sociedade de maioria ouvinte, devido a preconceito histórico já pré-estabelecido, como também a falta de profissionais desinformados e não preparados para desconstruir e instruir o aluno surdo que não possui uma deficiência e sim uma diversidade. A história relata tristes experiências excludentes em torno desse sujeito.

Contribuindo através das novas pesquisas em relação ao sujeito e diversidade, e desconstruindo o pejorativo de deficiência, a ONU em 2015 lançou o novo símbolo de acessibilidade batizado de “A Acessibilidade”² (FIGURA 1). O novo desenho teve a proposta de ser neutro, sem tipificar nenhuma diversidade específica, sendo uma figura simétrica conectada por quatro pontos a um círculo, representando a harmonia entre o ser humano e a sociedade, e com os braços abertos, simbolizando a inclusão de pessoas com todas as habilidades, em todos os lugares.

Figura 1 - Novo símbolo de acessibilidade.



Fonte: Reflexões sobre rodas, 2017.

A uniformidade humana é uma construção sociocultural, e foi através dos estudos de Vygotsky (1896-1934) que se irá reconhecer e cientificar a questão da linguagem como composição do sujeito para uma criança. Nas teorias do autor é que se percebe a discussão centralizada a respeito da importância da aquisição primária da linguagem humana como uma “fala natural” num período crucial da vida, e não como uma mera imposição de uma fala artificial imposta pela terapia oralista. Tal imposição nunca levará o surdo a perceber os sentidos fundamentais da experiência natural em adquirir língua materna, não tomando posse da língua de sinais, por meio da sua identidade.

²Disponível em:<<https://brasil.estadao.com.br/blogs/vencer-limites/onu-cria-novo-simbolo-para-acessibilidade/>>. Acesso em: 21 ago. 2019.

A psicologia moderna dispõe de três formas básicas de estudo da personalidade da criança. A primeira delas pode ser definida como observação cientificamente ordenada. Ela consiste em que observamos as manifestações individuais do educando, mais só em forma cientificamente ordenada. Para entender sentido e a função desse método deve-se lembrar da diferença entre a observação científica e a simples observação. (VIGOTSKY, 2001, p. 433)

O ser humano remanesce pela língua e é a língua a parte crucial que nos identifica como sujeitos capazes de articular o desencadeamento da linguagem e a estruturação do pensamento. Por meio de pesquisas comprovadas pela Neurolinguística sabe-se que a aquisição da língua de sinais nos sujeitos surdos, o quanto ocorrer mais cedo possível, torna-se um elemento fundamental para sua evolução cognitiva e obtenção do desenvolvimento linguístico.

Carvalho (2013, p.27) cita que é “na riqueza da inteligência humana, que o cérebro do surdo encontra outros receptores para fortalecer suas percepções, e ouve, o que não ouvimos, ouvindo”.

Contudo, a censura ou a escassez da capacidade de aquisição de língua de sinais para o surdo será verdadeiramente um motivo de infelicidade. Sacks cita em sua obra testes feitos por Rapin e Schlesinger, e que são evidenciados nitidamente no que resultará para o surdo o impedimento natural para o desenvolvimento da linguagem com o atraso da formação cerebral, fato que é irreversível.

Está claro, com base nas descrições fenomenológicas, que a experiência da língua pode alterar flagrantemente o desenvolvimento cerebral e que se ela for muito deficiente ou de alguma outra forma anômala, pode atrasar a maturação do cérebro, impedindo o desenvolvimento adequado do hemisfério esquerdo efetivamente restringindo-a pessoa a um tipo de linguagem dependente do hemisfério direito. (SACKS, 1998, p.50)

As inspeções desses pesquisadores comprovam que a falta de linguagem e de aprendizado natural da língua de sinais são fatores cruciais para o desenvolvimento da cognição do surdo, e irá gerar a falta de uma comunicação plena entre os participantes de um diálogo livre em língua de sinais. Assim, só o

ensino da língua de sinais dará ao surdo à oportunidade de uma comunicação experimental plena, porque há o referencial simbólico trabalhado anteriormente pelos fatores neurológicos da linguagem que desencadeiam a cognição. A professora Nídia Regina de Sá (2006, p.126) diz que “a(s) identidade(s) de surdos/dos surdos não se constroem no vazio, mas forma (m) -se no encontro com os pares e a partir do confronto com novos ambientes discursivos”.

Pois assim como diferentes somos são usados convencionalmente para designar coisas diferentes também podem ter essa função às diversas figuras de objeto e palavras, caracteres escritos e ideais podem ser conectados sem a intervenção de sons verdadeiros. (SACKS, 1998, p.29)

O desempenho da aquisição natural da linguagem neurológica do surdo com o uso da língua de sinais fará com que ele fotografe a imagem, fixe-a, combine-a e desencadeie-a livremente em sua língua, que é visual e espacial.

Contudo, é discordando das antigas ideias Aristotélicas – onde a língua deveria ser oralizada (atrelada ao som) para existir o pensamento – foi que os estudos do médico e filósofo Cárdano (século XVI) citado por Oliver Sacks (1998), é que se dá a confirmação pela necessidade dos referenciais simbólicos nos surdos para o desencadeamento do processo natural de leitura do mundo, e que só se fará pela aquisição da língua de sinais.

A comunidade surda através dos avanços dos seus estudos socioantropológicos (GERVASIO, 2018) definiu sua identidade visual mediante a criação do símbolo Acessível em LIBRAS (FIGURA 2), demonstrando, assim, um sujeito usuário de uma língua de sinais, cultura e identidade. O que difere ao antigo Símbolo da Surdez (FIGURA 3) que pejorativa a ideia clínica do surdo com a ilustração da orelha tarjada, indicando o surdo visto apenas como uma orelha ou a interpretação de que é proibida a permanência de surdo.

Figura 2 - Símbolo e Acessível em LIBRAS.



Acessível
em Libras
Língua Brasileira de Sinais

Fonte: UFMJ, 2019.

Figura 3 - Símbolo internacional da surdez.



Símbolo Internacional
da Surdez

Fonte: APADAF, 2018.

Contudo, para uma melhor compreensão desse trabalho é fundamental o conhecimento de algumas definições de termos que Carvalho (2013) expõe:

Surdo	Sujeito membro de uma comunidade sociolinguística que utiliza uma língua visual e espacial e que não se escreve (ágrafa) (p.53).
Ensurdecido	Sujeito ouvinte que perde parcial ou total a função da audição e utiliza a língua oral falada e escrita. Não nasceu surdo, mas adquiriu perda auditiva o que não significa ser um Surdo (p.53).
Língua de Sinais	São línguas ágrafas (não se escrevem) de modalidade visual e espacial, genuínas reconhecidas pela Linguística, provenientes das experiências visuais dos sujeitos surdos. Elas independem das línguas orais para subsistirem e cada país possui sua língua de sinais (p.25).
LIBRAS ou LSB	Língua de sinais reconhecida como <i>status</i> atribuída por lei Federal nº 10.436/2002 da comunidade surda brasileira, onde determina o respeito e a difusão da mesma (p.28 e 29).
Bilinguismo	Atual escola desde 1980, que compreende o surdo obter aprendizado na sua língua natural ou primeira (L1), que é a língua de sinais e com modalidade escrita (instrumental) da língua oral do país de origem como segunda língua (L2) (p.22), no caso do Brasil a Língua Portuguesa.

1.2 A emancipação do povo surdo no percorrer da história da humanidade

O desconhecimento do surdo ainda é observado no coletivo em relação à pessoa, à vida social e educacional desse sujeito. O impedimento não é a perda auditiva (surdez), mas sim a segregação que os ouvintes permearam ao longo dos séculos em um rebaixamento cultural dos surdos, numa sociedade predominantemente composta de ouvintes. Como consequência, este cidadão veio agregando sofrimentos ao longo de sua vida e que marcaram totalmente o seu projeto de identidade pessoal, levando-o a total perda da mesma.

Nas palavras de Oliver Sacks (1998), pesquisador de grande renome,

encontra-se uma frase onde referencia o entendimento não do que é a surdez na visão clínica historicamente construída, mas sim quem é o surdo verdadeiramente enquanto pessoa. Cita o autor que “Somos notavelmente ignorantes a respeito da surdez” (SACKS, p. 15).

Ainda segundo o autor, é concebido o quanto as questões que se referem aos surdos ainda são motivos de não interesses para os que não se despertam em um novo olhar para esse indivíduo, infelizmente não como um sujeito pleno, mas ainda difundido como um ser anormal ou incapaz. Ou seja, uma pessoa não capaz de realizar-se por si mesma através de sua língua, identidade e cultura. Para Sacks, tal afirmativa deve retirar as mazelas impostas sobre eles, e que os desqualificam e os deixam sem perspectiva de vida e cultura. Para elevar e transformar a questão da surdez³ em uma nova visão de Surdo. É preciso contribuir para elevar e transformar a questão da surdez em uma nova visão de Surdo.

Muitas formas de pensar que se desenvolveram ao longo dos tempos para constituir o surdo são ainda os grandes obstáculos que ele carregará ao longo da sua existência. Isso se dá pela constituição errônea e difundida do que seja a perda auditiva (surdez) numa visibilidade clínica/doentia imposta, superior à visão do sujeito surdo, enquanto pessoa membro de um povo. A História trata das mais tristes experiências de leituras e contextos em torno dos vários sujeitos com algum tipo de diversidade funcional, dentre eles também a presença dos surdos.

Na antiguidade e entre os povos primitivos, o tratamento destinado às pessoas portadores de deficiência assumiu dois aspectos distintos: extermínio, por serem consideradas grave empecilho a sobrevivência do grupo, já que não podiam cooperar nos afazeres diários; proteção e sustento, para ganhar a simpatia dos deuses, por gratidão, em reconhecimento ao esforço daqueles que se mutilavam na guerra. (HONORA, 2008, p.11 e 12)

As culturas grega e romana também contribuíram para exercerem certo

³ A surdez com “s” minúsculo segundo os estudos Sacks sempre é definida como incapacidade e anomalia.

poder ideológico sobre o surdo e demais pessoas com diversidade funcional. O domínio das questões relacionadas à pessoa humana naquilo como era estabelecido como “normal” ou “anormal” já era visão de uma sociedade preconceituosa, que formava uma comunidade social padronizada e uniformizada longe dos padrões pré-estabelecidos.

Veloso (2009, p.28) cita que na Grécia (384 a.C.) os surdos eram apreciados os incapazes de raciocinar e até de terem sensibilidade, e diz que “o filósofo Aristóteles acreditava que, quando uma pessoa não oralizasse, conseqüentemente não possuía linguagem e tão pouco pensamento”. Mesmo com todos os relatos apontados, ambas as civilizações desenvolveram ações que já podiam reconhecer os diferentes meios de exclusões. A ideia do homem padrão foi a sustentação ideológica para que as civilizações antigas mantivessem essas visões.

O termo mudo associado ao aluno surdo criou-se primeiramente pela visão Aristotélica de que as palavras deveriam ser oralizadas conforme já citado. O filósofo grego uniu a ideia da comunicação perfeita e eficaz ao uso do ato da fala oral que era verbalizada. Visão equivocada para a época, que, porém, teve conseqüências históricas devastadoras para referenciar aquilo que o surdo não possui: a mudez. Esse pensamento foi desmistificado logo após, por Sócrates ao afirmar que a condição natural para a comunicação se adaptaria a realidade do próprio agente que se comunica (VELOSO, 2009, p. 28).

O filósofo Sócrates examinar que a transmissão de informações vai além de uma visão clínica de órgãos, mas atinge o ato em si da comunicação humana: o entendimento. Ou seja, a comunicação perfeita para ele (independente de fala oral) que era o ato crucial da interação humana dentro do seu grupo numa atitude comunicativa. Diz o próprio citado por Sacks:

Se não tivéssemos voz e nem línguas e ainda quiséssemos expressar coisas uns aos outros, não deveríamos nós, com aqueles que hora são mudos, esforçar-nos para transmitir o que desejássemos dizer com as mãos, a cabeça e outra parte do corpo? (SACKS, 1998, p.29)

Tal panorama que parece ser mais um despertar do que mesmo um

comentário histórico demonstra que há num passado ouvintes pertencentes a uma sociedade predominante oral como hoje, e que ainda era cheia de preconceitos contra o surdo. Isso faz com que se repense com coerência uma nova posição que é dever da sociedade como um todo assumir a individualidade do ser Surdo.

Apesar disso, enquanto se continuar tratando a questão da cultura, língua de sinais e identidade surda como suposições de teorias particulares e sem embasamentos sociológicos, e não como um olhar científico por meio de um estudo linguístico, psicológico e social como já é defendido; infelizmente, ainda se propagará os mesmos erros do passado em tentar padronizar o surdo ao mundo ouvintista. Carvalho cita que:

Por isso será maravilhoso, quando todo cidadão ouvinte tiver acesso à ampla informação sobre a realidade do surdo, sua língua, cultura e identidade, para que haja maior entendimento entre todos, e haja inclusão e as pessoas procurem conhecer como funciona e saber da importância do uso da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), utilizada pelas comunidades surdas do Brasil. (CARVALHO, 2013, p.10)

Quando o assunto é dar ênfase em comunidades surdas presentes na sociedade é preciso antes questionar a sociedade predominante ouvinte como observa, analisa e entende a comunidade surda. É sabido que o processo educacional de inclusão bilíngue do surdo na sociedade deveria ser um caminho natural e linguístico, antes de qualquer processo de método educacional que seja imposto, mas, sobretudo, presente dentro da sua cultura. Sá (2006, p.1) cita que:

A cultura se expressa através da linguagem, dos juízos de valor, da arte, das motivações, etc. gerando a ordem do grupo, com seus códigos próprios, suas formas de organização, de solidariedade etc. As culturas são recriadas em função de cada grupo que nelas se inserem. Os surdos são um grupo minoritário que está lutando para que sua cultura seja incluída, no contexto social, como legítima.

Porém é exclusivamente pela comunidade surda que o surdo possuirá todas as características de cultura surda e da língua de sinais como referenciais simbólicos, e que somente nesses ambientes comunitários é que eles podem adquirir todas as potencialidades linguísticas, étnicas, sociais e culturais do seu próprio mundo. Segundo a pesquisadora, linguista, coda⁴ e tradutora e intérprete de LIBRAS, a professora Pós-Doutora Ronice Miller de Quadros “não há opções porque se configura nos seguintes termos: a linguagem se aprende, mas não pode ser ensinada” (QUADROS, 1997, p.20).

Para obter o reconhecimento da comunidade surda enquanto atividade sociocultural numa criança surda para a internalização de uma identidade surda, a comunidade surda tem a sua real importância para o desenvolvimento enquanto membros de um grupo de minoria e que possibilitam a construção dos processos de posse de um “Eu Surdo”. Segundo Sá (2006, p.110), essa atividade sociocultural denomina-se de Cultura Surda:

É como um campo de forças subjetivas que se expressa através da linguagem, dos juízos de valor, da arte, das motivações etc. gerando a ordem do grupo, com seus códigos próprios, suas formas de organização, de solidariedade etc. Os elementos culturais constituem-se a mediação simbólica que torna possível a vida comum. As culturas são recriadas em função de cada grupo que nelas se insere, mas as culturas minoritárias convivem com os códigos da cultura que se considera dominante e pretensamente normalizadora.

Os estudos culturais dos surdos têm como objetivo a inspeção da cultura e seu contexto histórico através da pesquisa com métodos etnometodológicos de grupos de minoria constituinte de comunidades. As questões socioculturais dos surdos ainda devem ser objetos de mais interesses interdisciplinares, onde os caminhos dos diversos meios da ciência possam contribuir para que a comunidade surda seja reconhecida como uma raça étnica. Ou seja, um povo constituído de língua de sinais, cultura e identidade, o que ainda não é de conhecimento de muitos, e que para Sá (2006) significa que a cultura é um campo de produção de significados que no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciadas de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla.

⁴ Consiste em filho ouvinte de pai e mãe surdo.

Os obstáculos dos surdos longe do referencial da comunidade surda evoca a necessidade de promover por parte de pais ouvintes que tem filhos surdos; tradutores e intérpretes da LIBRAS; professores e amigos a importância dos surdos em congregarem-se nas suas comunidades linguísticas como: Associações, grupos, instituições educacionais, federações, religiões e demais órgãos para serem gestores de uma dimensão sócio-interacionista, em que possibilitem pela língua de sinais o uso desta para as várias atividades socioculturais dos mesmos.

Para Carlos Skliar (CARLOS SKLIAR, apud CARVALHO, 2013, p. 47) entender o crédito de cultura é fundamental para que se possa ter o respeito à língua de sinais das diferentes comunidades surdas, e crucial para que ocorra o desenvolvimento do surdo como um sujeito bi-cultural e bilíngue, ou seja, que transita entre duas culturas e duas línguas: a de sinais e a escrita da língua oral. As leis que comandam a comunidade surda brasileira (Lei de LIBRAS nº 10.436 de 24/04/2002, Decreto de LIBRAS nº 5.626 de 22/12/2005 e Lei do tradutor e intérprete de LIBRAS, Lei nº 12.319 de 01/09/2010) garantem a total valorização da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Na lei da LIBRAS (2002), no seu art. 1º é citado: “ É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e outros recursos de expressão a ela associados”. Contudo, foi através do decreto de LIBRAS (2005) que a LIBRAS foi inserida no currículo para a formação superior, dando prioridade aos cursos de licenciatura. O decreto determina que:

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

§ 1º todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério.

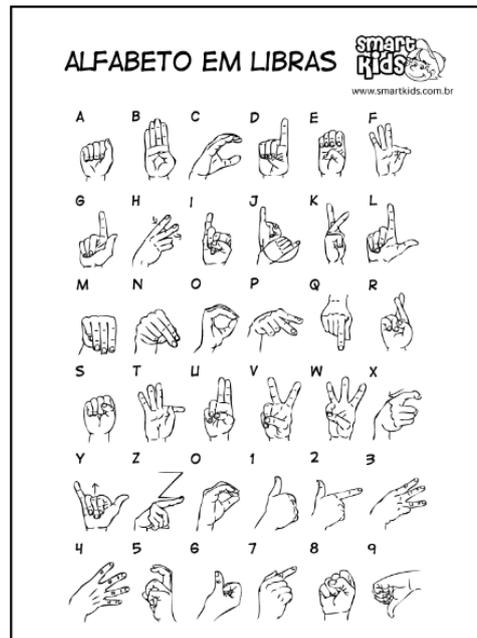
§ 2º A Libras constituir-se-á em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional, a partir de um ano da publicação deste Decreto.

A educação dos alunos surdos continua sendo um território de incompreensões, contradições e contrastes (SÁ, 2006). Isso se dá devido ao movimento da chamada Educação Especial com o paradoxo da proposta requerida pelo MEC da integração escolar ou inclusão, que para o surdo isso não cumpre com o papel linguístico perante a um ambiente bilíngue educacional não exposto, onde esse aluno possa internalizar a língua de sinais. O modelo proposto pelo MEC acarreta o atraso de linguagem, desencadeando sérios fatores psíquicos devido ao aluno surdo não se empoderar do uso da LIBRAS em ambiente propício por ser a língua de sinais visual e espacial. A professora surda tcheca Strnadova (1999) incita um modelo de educação que deve ser primordialmente pelo olhar:

Nós surdos ao contrário temos que verificar com a visão a todo instante o que está acontecendo olharmos ao redor com uma frequência maior e com mais atenção do que vocês, e tentamos abranger o maior espaço possível. (STRNADOVA, 1999 p. 179)

Através da análise dos fatores psíquico e sociocultural é que se chega à conclusão de que o surdo é o constituidor e principal agente para o desenvolvimento da sua língua de sinais, da sua propagação, e como consequência da disseminação desta nos meios educacionais. Vivendo em experiências visuais, as imagens são caminhos que filtram a percepção visual para a obtenção do significado para esse aluno, para poder assim inferir o processo de abstração e posteriormente o aprendizado da palavra escrita da língua oral. Sendo esse o meio mais eficaz em proporcionar o ensino bilíngue e promover a inclusão bilíngue dos surdos. A imagem do alfabeto (FIGURA 4) e dos números em LIBRAS comprova a importância da visualização para esse processo.

Figura 4 - Alfabeto e números em LIBRAS.



Fonte: Smartkids, 2019.

Todavia, a falta de consciência dos educadores referente à aprendizagem do olhar do aluno surdo é fator determinante para o sucesso desse processo linguístico e pedagógico, que só é pertinente ao aluno surdo, e que ainda é o principal obstáculo para uma verdadeira inclusão bilíngue desse aluno em seus ambientes escolares. O olhar para o surdo, segundo Strnadova é o entender da sua língua de sinais.

Os psicólogos observam tanto a direção do olhar como a sua duração e frequência de tudo isso já dá para se ter uma ideia de que é possível adivinhar pelo olhar o que a pessoa não quer dizer em palavras no caso dos surdos, porém os psicólogos ouvintes errariam muito. A comunicação não verbal dos surdos é diferente em alguns aspectos. (STRNADOVA, 199 p.178)

O cientista Aumont argumenta que imagens são oriundas, através da capacidade visual de percepções dadas pelo sistema visual, com transformações ópticas, químicas e nervosas, e, que gera informações que vem através da luz que entra em nossos olhos. É através da Psicologia da Percepção Visual, ramo da Psicologia, que se estuda a relação das imagens percebidas com as orientações cognitivas e pelos estudos psicológicos através da busca

visual. Aumont detecta em suas pesquisas esse fenômeno da espécie humana.

1.3 A LIBRAS e a educação bilíngue imagética como política educacional do surdo

As línguas de sinais são línguas ágrafas (não se escreve) de modalidade visual e espacial, genuínas reconhecidas pela Linguística proveniente das experiências visuais dos sujeitos surdos. Elas independem das línguas orais para subsistirem, e todos os países possuem sua própria Língua de Sinais (CARVALHO, 2013, p.25)

LIBRAS ou LSB – É a língua de sinais reconhecida como *status* atribuído por lei Federal Nº 10.436/2002 da comunidade surda brasileira, onde determina o respeito e a difusão da mesma. (ibid., p.28 e 29)

Ao contrário do que muitas pessoas pensam, a língua de sinais não é universal, cada país tem a sua. A educação de surdos por meio da língua de sinais teve sua origem na França, na segunda metade do século XVIII. O abade francês Charles-Michel de L'Épée, reconhecido como “pai da educação dos surdos” foi o primeiro a reconhecer nos surdos a capacidade deles em comunicarem-se com o sistema viso-espacial. Isso foi compreendido por ele nos surdos que viviam nas ruas de Paris e por meio dessa percepção, ele criou sinais metódicos que foi uma combinação da língua de sinais francesa com a gramática do francês oral e alfabeto digital.

Foi desenvolvido pelo abade um sistema de sinais para alfabetizar crianças surdas que serviu de base para o método usado até hoje. Ele fundou, também, a primeira escola para o sujeito surdo, chamada de Instituto Nacional de Surdos de Paris, ensinando o alfabeto para seus alunos com gestos manuais. Ele acreditava que o método mais fácil de ensinar aos surdos seria através da língua de sinais. No Brasil, o imperador D. Pedro II convida o surdo francês Huet em 1857 e funda o Instituto Nacional de Educação de surdos (INES), a primeira escola de surdos da América do Sul.

Os alunos que tiverem conhecimento do método alcançaram avanços

consideráveis e eram capazes de usar adequadamente a língua escrita e traduzirem sem dificuldades. Muitos surdos da época foram beneficiados por esse método, em posições de destaque na sociedade.

Portanto, para os surdos, os campos visuais e espaciais são imprescindíveis, já que as expressões faciais e os movimentos gestuais são perceptíveis pela visão. A partir disso, notamos que a LIBRAS é a combinação da forma e do movimento das mãos e do ponto no corpo onde esses sinais são feitos. Sendo assim, o mesmo sinal feito na mão, porém em um lugar diferente do corpo ou no espaço, pode ter outro sentido e outro significado. Além disso, assim como no Brasil, a língua oral pode ter significados diferentes para a mesma palavra em regiões diferentes do Brasil, em LIBRAS também ocorre os chamados regionalismos. Dessa forma, saber apenas os sinais não basta, é necessário saber sua gramática para fazer a combinação das frases e estabelecer uma comunicação efetiva.

Foi aprovada a incapacidade da escola para educar o surdo nos moldes convencionais, devido a sua vocação pra a permanência dos processos pedagógicos, sendo constatado que a Libras é o recurso inicial necessário pra a verdadeira emancipação dos surdos e sua inclusão tanto escolar quanto social. (CARVALHO, 2013,p.33)

Na educação dos alunos surdos, os recursos imagéticos proporcionam uma visão global dos diferentes recursos visuais com o uso da LIBRAS, que tendem a ser desde o mais simples ao mais avançado tecnologicamente para promover a educação dos surdos, e com isso prover uma acessibilidade bilíngue pela LIBRAS. Contudo, a falta de sinais específicos para contextualizar termos científicos ainda é uma questão emblemática para os diversos ramos do saber, inclusive o da Educação Física, aonde a própria comunidade vem se articulando para atenuar essa lacuna existente e criando novos sinais.

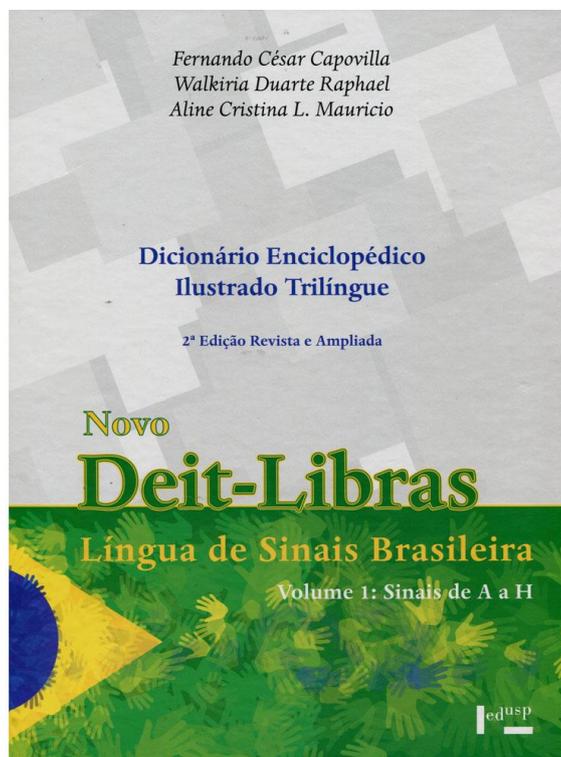
A leitura das imagens para o aprendiz na educação de surdos tem uma missão no ensino como suporte técnico de grande importância; essa metodologia de ensino envolve recurso no ensino didático através das imagens, tais como: charges, cartuns, histórias em quadrinhos e principalmente o uso da tecnologia das multimídias como DVD-R e CD-ROM. Dessa maneira os alunos

surdos terão um conhecimento global do desenvolvimento da tecnologia ajudando na sua formação e podem usar os mesmos critérios da língua de sinais, com materiais específicos.

A qualidade de um ensino com metodologia bilíngue da Educação Física para o aluno surdo, utilizando os materiais imagéticos na sua educação e aprendizagem-ensino-aprendizagem, terá um suporte técnico educacional de qualidade. Com o uso das ferramentas: imagens (charges, cartuns, história em quadrinhos) e as técnicas das mídias digitais (DVD-R e CD-ROM) o aluno surdo obterá sucesso. Assim, a memória do aluno surdo terá um desenvolvimento de grande importância para o seu cotidiano de conhecimento na educação.

O Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) (FIGURA 5), de autoria do professor Dr. Fernando Capóvilla e de Walquiria Duarte (2001), lançado antes do reconhecimento da LIBRAS em 2002, apresenta uma riquíssima pesquisa visual, que demonstra a utilização de ilustrações que reforçam o contexto dos desenhos do sinal correspondente em LIBRAS.

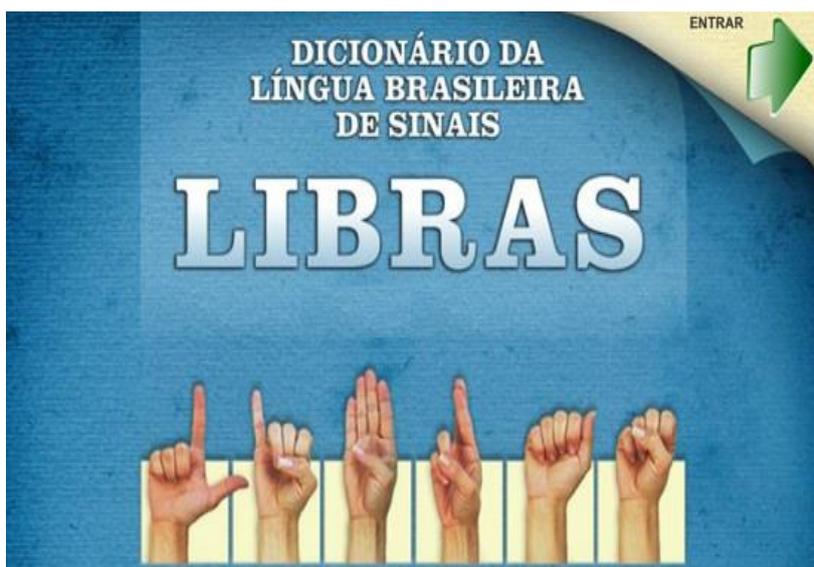
Figura 5 – Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).



Fontes: USP, 2001.

Em 2005, o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) lançou o CD-ROM do Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS (FIGURA 6), porém, verifica-se através do seu acesso pela rede social: <http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras/> que não foi utilizado o uso das imagens ilustrativas fazendo associação contextual com a LIBRAS para melhores explicações contextuais referentes aos sinais, mas sim a utilização demasiada da escrita nos exemplos frasais. É concebido que não há uma clareza visual dos sentidos contextuais para o uso dos sinais em suas explicações sem o uso das ilustrações.

Figura 6: Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).



Fontes: INES, 2005.

No mesmo período, o INES lançou a cartilha ilustrativa intitulada “Língua Brasileira de Sinais Conhecendo e Brincando” que tinha o objetivo de ensinar a LIBRAS as crianças surdas utilizando desenhos e recortes. A cartilha era composta de um material anexo ilustrativo com desenhos e sinais para que o aluno pudesse recortar para brincar como jogos didáticos.

Em reportagem intitulada “Freud, Marx e Foucault em sinais”, difundida no Caderno de Educação do Jornal O Globo, em 07 de outubro de 2013, desde 2013 ocorre na faculdade de Pedagogia bilíngue do INES uma reunião chamada

“Sessão de validação de sinais”. A reunião ocorre de três em três meses com o objetivo de criar e decidir junto à comunidade surda sinais específicos que ainda não existem no vocabulário de LIBRAS.

O grupo composto de professores surdos e ouvintes, já teve êxito na criação de sinais como para o pai da Psicanálise Sigmund Freud, o pensador comunista Karl Marx e o filósofo Michel Foucault. Segundo o professor surdo Paulo André Bulhões, citado na reportagem, o importante é mostrar o que foi pesquisado, buscando novos sinais que fazem sentido. Isso é a prova do quanto à comunidade vem articulando a criação de sinais que serão validados e uniformizados e que servirão para as diversas áreas de ensino.

Não é uma escolha aleatória. O gesto tem que ter uma plasticidade que se enquadra nas regras da língua – explica Wilma Favorito. – Libras segue uma lógica visual, às vezes baseada na fisionomia, que não passa pela escrita. Pierre Bourdieu, antes da votação, tinha quatro sinais, cada um surgido em uma turma. Decidiu-se que os quatro faziam sentido. Sócrates, Platão e Aristóteles não tem foto. Só estátuas que são muito parecidas. Então para “batizá-los” os surdos se basearam nas roupas deles. (KAZ, 2013.)

O Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), através do Núcleo de Orientação à Saúde do Surdo (NOSS), coordenado pela professora Dra. Regina Célia Nascimento de Almeida vem desenvolvendo há anos uma pesquisa voltada para a orientação da saúde do surdo e criando materiais específicos que atendam as especificidades linguísticas desse aluno.

O NOSS lança os DVD-Rs Sinalizando a sexualidade e independência e vida - Prevenção ao abuso de drogas (2003) e Sinalizando a prevenção dos DST/AIDS (2008) da Coleção Nº 2 Educação de Surdos, com o objetivo de estimular a formação de consciência crítica quanto à prevenção ao abuso de uso de drogas lícitas e ilícitas, trazendo a tela imagens de uma história inspirada em aspectos da vida real, sonho e imaginação, apresentada com uma dose equilibrada de drama e humor. As cenas foram desenvolvidas a partir do cotidiano social, familiar e escolar, intercaladas com cenas de um programa de auditório sobre drogas.

O estudo teórico desse material foi fundamentado na filosofia proposta

pela Educação Bilíngue para surdos no ensino da Educação Física e utilizou recursos imagéticos, tais como: histórias em quadrinhos, desenvolvendo o lúdico em verdadeiros relatos visuais e apresentando associação entre imagens e palavras escritas. Porém, o material não foi tão eficaz por não apresentar um DVD-R com o mesmo conteúdo em LIBRAS, o que fortaleceria o uso da língua de sinais.

Para o ensino da Educação Física ao aluno surdo, o uso das imagens vinculadas às palavras escritas estão de acordo com os estudos experimentais, que determina a inter-relação que acontece entre imagens (ícone) e palavras escritas, para concomitantemente se obter o aprendizado de LIBRAS como língua natural (língua materna) ou primeira língua (L1). É por esse meio que se favorecerá o letramento (instrumental)⁵ em língua portuguesa como segunda língua (L2).

A professora Neiva de Aquino Albres (2010) faz a reflexão da importância da mudança do ensino da língua portuguesa para alunos surdos, que antes enfatizava o oralismo e sustentava que até então ele era essencial no ensino, mas que agora ele deve ser descartado, pois se valoriza nesse momento apenas o ensino da leitura e da escrita da língua portuguesa. Carvalho (2013, p.57) também enfatiza a prática dessa mudança:

A prática de uma educação bilíngue, com o direito ao uso da Língua natural de sinais como primeira Língua (L1) e, como segunda Língua (L2), a escrita da Língua oral do seu país de origem é recente, e como consequência desse fato, ainda temos uma prática educacional para Surdos rudimentar e não implantada veridicamente em diversas escolas do País.

A Pesquisa Mundo da Inclusão - A Revista do Educador Edição Especial (2014) trouxe importantes demonstrações de variadas atividades da LIBRAS, contendo uma matéria especial sobre o desporto em LIBRAS para alunos surdos

⁵Entende-se ser para o surdo aprender uma língua instrumental é a utilização apenas da escrita da língua oral do país, que no Brasil é a língua portuguesa. Se instrumental, significa não dominá-la, mas sim utilizá-la como meio de comunicação escrita, tais como: textos, e-mails, Facebooks e dentre outros onde os surdos são condicionados às tentativas de escrita, já que a língua oral não é sua língua natural.

na metodologia bilíngue. A edição especial exemplifica e enfatiza o uso fundamental de ilustrações, essas como time, bandeira e demais recursos visuais para o ensino esportivo do sujeito (FIGURAS, 7 e 8). Ela veio composta de cada desporto com suas regras e desenhos ilustrativos do sinal da LIBRAS, seguido de forma convencional do esporte e figura.

Figura 7 - Times de Futebol.



Fonte: Inclusão, 2014.

Figura 8 - Times



Fonte: Inclusão, 2014.

Para Carvalho (2013, p.64) são várias experiências em salas de aula realizadas no INES e em diversas outras escolas inclusivas bilíngues pelo Brasil que utilizam a imagem para o ensino de Educação Física e demais disciplinas

para alunos surdos. O pesquisador apresenta um esquema exemplificativo demonstrando a base para um método visual de aprendizagem – que pode ser seguido pelas instituições escolares – para o surdo, com as seguintes fases: A demonstração da imagem ilustrativa; a demonstração da L1 (Língua de Sinais) e posteriormente a demonstração da L2, L3 etc. (palavra escrita da língua oral). Por características das línguas visuais que são ágrafas, os materiais didáticos para o ensino de Educação Física devem conter com exclusividade o uso de um DVD-R que deverá ser anexado ao conjunto dos mesmos escritos.

Os mencionados materiais didáticos, exemplificados nesse trabalho, demonstram que o ensino da Educação Física para o surdo se faz necessário ser sustentado pelo uso da relação entre imagem com referências temáticas que devem englobar a Educação Física com a utilização da língua de sinais (LIBRAS) e a grafia da palavra escrita da língua portuguesa, executando a tão almejada educação bilíngue para surdos.

1.4 Desporto e arbitragem visual para surdo na perspectiva bilíngue na prática da Educação Física

Saltar os obstáculos da comunicação e ultrapassar as barreiras da discriminação social pode ser aludida a uma modalidade para o surdoatleta que não é considerada olímpica e nem paraolímpica, mas negligencia o seu direito de uso de língua de sinais no esporte.

Descrever sobre arbitragem visual na perspectiva bilíngue para a prática de uma Educação Física é buscar diretamente no seio da comunidade surda onde ela se desenvolveu e se articula, pois até então, não havia registro acadêmico dessa particularidade de arbitragem para a prática bilíngue do surdo na Educação Física.

A Confederação Brasileira de Desporto de Surdos (CBDS) foi criada em 17 de novembro de 1984, e sua história começa na década de 50 com o intenso movimento de criação de associações de surdos (FIGURA 9), com o tempo passaram a ser consideráveis pontos de articulação política e de prática desportiva entre os surdos.

A Confederação tem o registro aproximado de dois mil surdoatletas desde 2009. Porém, o patrocínio das grandes empresas e mídias como ocorre com

jogos olímpicos e paraolímpicos ainda é a maior dificuldade para manter as competições e treinamentos do surdoatleta, uma vez que a maioria dos surdoatletas pagam as despesas com seus recursos específicos ou doações.

Figura 9 – Associações filiadas (até 2018) a CBDS.



Fonte: FDSERJ, 2018.

Essas associações em especial também são acompanhadas por treino do time esportivo da Associação Valorizando as Diferenças (AVD) que é formada especificamente por atletas surdos. Os jogadores surdos contam com adaptação da arbitragem durante seus jogos, explicam de que forma disputam contra atletas ouvintes, e como é a comunicação entre esses jogadores dentro da quadra durante uma partida.

Silva (2018) reflete:

A nossa comunicação no desporto dos surdos se dá através de LIBRAS. Eles se comunicam e também me ajudam quando alguém não assimila o que estou tentando passar, porque automaticamente, como técnico, a gente fica tenso e nem sempre consegue realmente reproduzir a informação que deseja. Comunicação em qualquer situação educacional, social, trabalho, esportiva e de lazer.

No passado, as atividades de arbitragem faziam parte da rotina semanal de aprendizagem dos alunos surdos no cotidiano escolar. A cada esporte aprendido, as imagens eram apresentadas aos alunos surdos para que fossem assimiladas, repetidas e observadas. O aluno surdo colava as imagens no caderno para estudo em casa e repeti-las. Com base nos sinais específicos dos esportes assim assimilados já seria uma forma de interação a comunicação do surdo ao esporte por meio de uma arbitragem em construção.

Registrar os sinais da arbitragem para surdoatleta e difundi-las em LIBRAS tem sua importância para o desenvolvimento do esporte do surdo e inclusão bilíngue do surdo nas práticas esportivas, devido o uso na Surdoolimpíada e geração de novos surdoatletas. Lima explica a relevância da CBDS e da Surdoolimpíada ocorrida no Brasil (2019, p. 16):

A CBDS vem, durante esses anos, desenvolvendo ações concretas para a promoção do surdoatleta. Como destaque, realizou-se o evento nacional, I Olimpíada de Surdos do Brasil, em maio de 2002, no mandato de José Tadeu Rocha, na cidade de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, que contou com a participação de cerca de 1.500 surdoatletas, de nove Estados brasileiros. A I Surdoolimpíada nacional emocionou muitas pessoas presentes com delegações, hasteamento das bandeiras e Hino Nacional em LIBRAS, que marcaram a abertura dos jogos.

O ex-presidente da Federação Desportiva de Surdos do Estado do Rio de Janeiro - FDSERJ (2015 a 2019) Alexandre Carlos Silva analisa as especificidades e curiosidades do trabalho para aplicar uma arbitragem visual para o surdoatleta com qualidade, como no caso do juiz sem apito e substituição por bandeirinhas (FIGURA 10), demonstrando algumas modalidades de arbitragem visual, já registradas pelos surdoatletas, com uso de sinais, bandeirinhas e luz, tais como no voleibol (FIGURA 11); basquete (FIGURA 12); futsal (FIGURA 13); futebol feminino (FIGURA 14); futebol masculino (FIGURA 15) e natação (FIGURA 16).

Figura 10 – Arbitragem visual para surdo com juiz com uso de bandeirinhas.



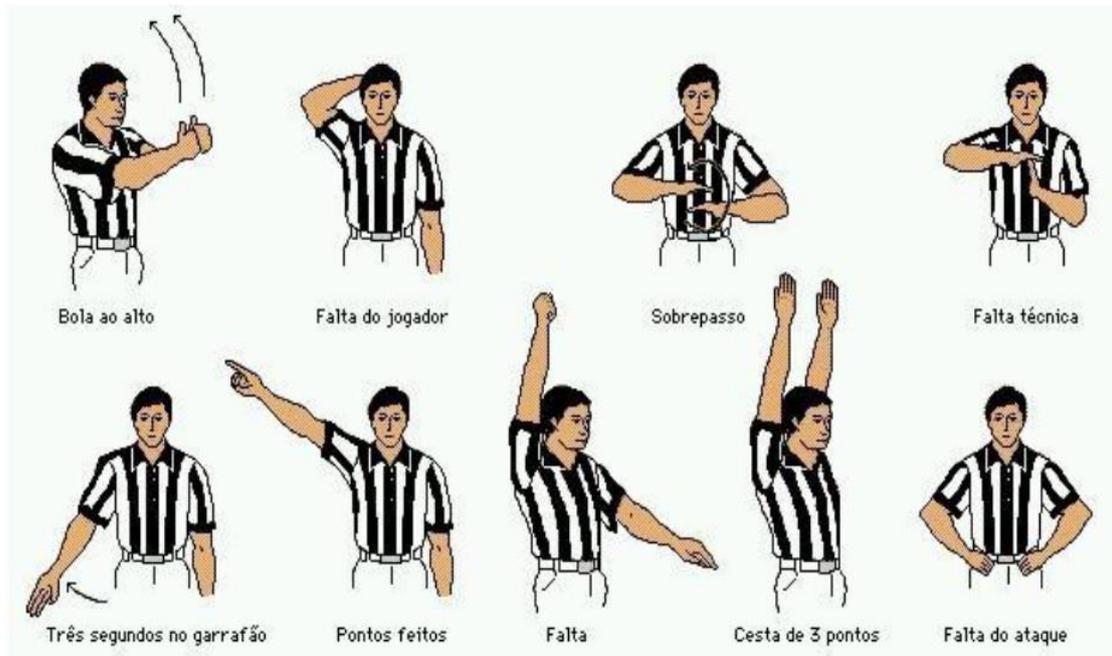
Fonte: FDSERJ, 2018.

Figura 11 – Arbitragem visual para surdo no voleibol.



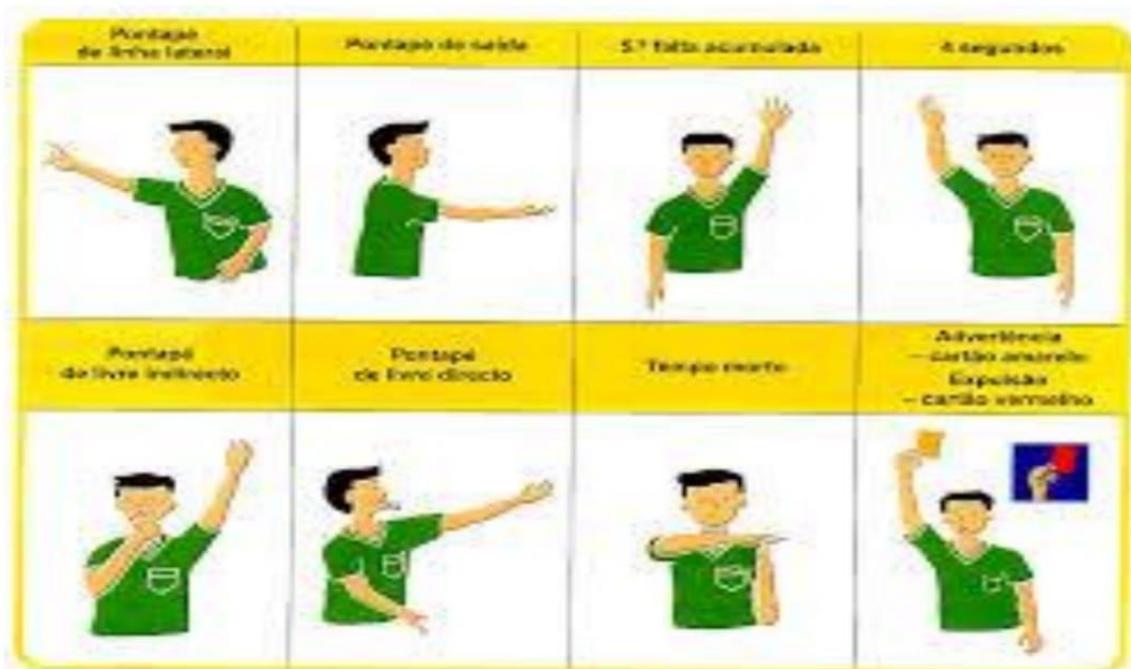
Fonte: FDSERJ, 2018.

Figura 12 - Arbitragem visual para surdo no basquete.



Fonte: FDSERJ, 2018.

Figura 13 - Arbitragem visual para surdo no futsal.



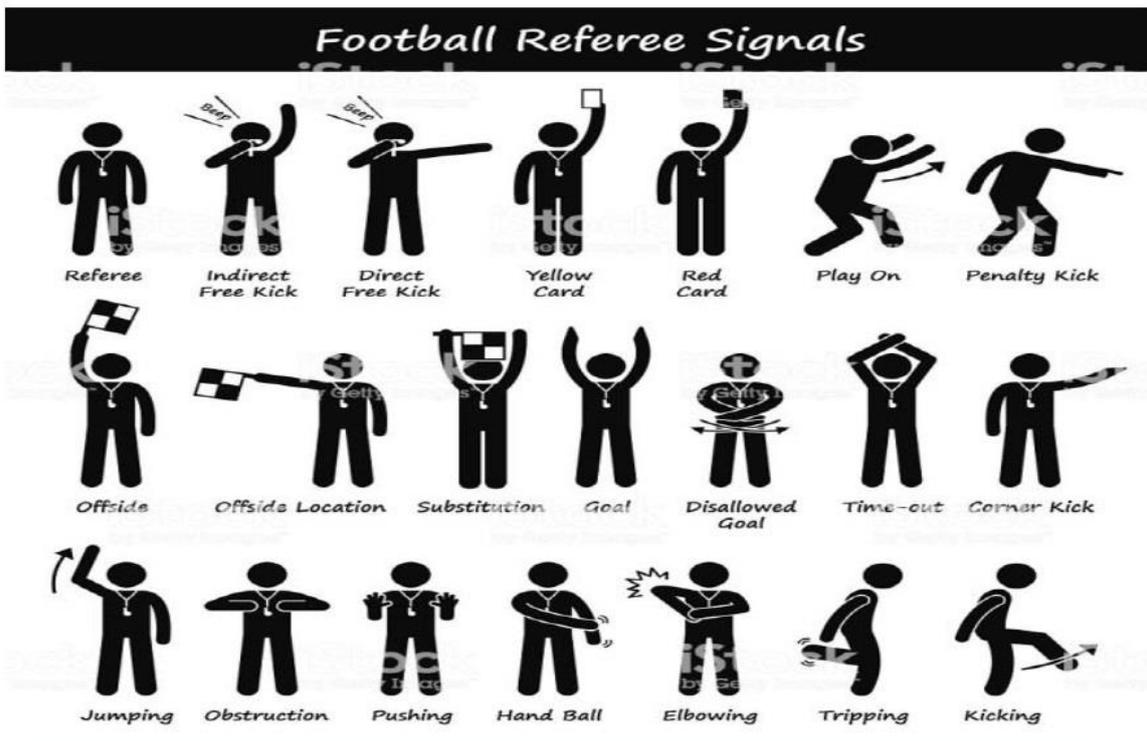
Fonte: FDSERJ, 2018.

Figura 14 – Arbitragem visual para surdo no futebol feminino.



Fonte: FDSERJ, 2018.

Figura 15 – Arbitragem visual para surdo no futebol masculino.



Fonte: FDSERJ, 2018.

Figura 16 – Arbitragem visual para surdo na natação.



**PISCA PISCA
ILUMINADORA**



Fonte: FDSERJ, 2018.

É perceptível a relação visual do surdo, canal natural de acesso de sua comunicação e língua de sinais, para a produção esportiva. Portanto, todas as modalidades tem instalação de luz forte para chamar atenção da partida e uso de bandeirinha para regras de cada partida especificamente. Silva aconselha sobre o trabalho de arbitragem para o surdo. Ele sugere:

Apitar um determinado jogo realmente tem suas dificuldades, mas é uma profissão, entre outras, muito salutar. Para quem gosta de esporte, viver aquilo e participar do espetáculo é ótimo... imagina, então, dirigi-lo. (SILVA, 2018)

Ele destaca sobre a importância da preparação física e treino do surdoatleta e da arbitragem.

O surdo tem que ter muita perseverança e foco para a prática esportiva. Assim, também temos que treinar muito, principalmente fisicamente, pois quando o assunto é arbitragem visual para o surdoatleta é preciso maior entendimento de como elas funcionam.

Com propriedade de experiência, ele também indica para que haja uma arbitragem visual bilíngue em preparação do surdoatleta (QUADRO 1), composto de equipe surdatleta e profissional com a devida condição para capacitação em LIBRAS por parte desse profissional que conduzirá a arbitragem para o surdoatleta de modo ímpar e com qualidade profissional a esse atleta.

Quadro 1 – Surdoatleta e profissional x condição.

SURDOATLETA E PROFISSIONAL	CONDIÇÃO
Juiz x Jogador	O juiz deve saber LIBRAS
Jogador x Jornalista (mídia)	Presença de tradutor e intérprete de LIBRAS
Bandeirinha x Jogador	O bandeirinha deve saber LIBRAS
Dirigente x Jogador	Presença de tradutor e intérprete de LIBRAS

Fonte: FDSERJ, 2018.

Todavia, observado o quadro apresentado podemos verificar que há duas vertentes apresentadas a serem questionadas: uma negativa e outra positiva. A negativa é que o trabalho de tradutor e intérprete de LIBRAS acarretaria mais custos (cobrança por hora ou contrato de trabalho), além de sua formação em sua maioria ser ainda em nível médio sem o superior em Educação Física, desconhecendo assim as terminologias específicas dos desportos. E a positiva é a integração de todos esses profissionais no aprendizado e conhecimento da LIBRAS para gerir de fato uma inclusão bilíngue do surdoatleta no desporto pela arbitragem visual.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Para a presente pesquisa, a metodologia possui caráter descritivo, qualitativo e inovador usando referências de coleta de dados numa proposta experimental de estudo de caso. Foram utilizadas referências bibliográficas obtidas através de livros; artigos científicos; Internet; aportes teóricos e dentre outros. Para o levantamento dos resultados e confecção dos gráficos foi elaborado questionário fechado com seis perguntas objetivas que foram distribuídas para vinte (n=20) professores de Educação Física de variados segmentos de ensino para obtenção de dados percentuais finais.

O questionário foi composto pelas seguintes perguntas:

- ✓ 1- O surdo é um deficiente?
- ✓ 2- Há quantos anos leciona como professor (a) na Educação Física?
- ✓ 3- Qual barreira que o professor (a) de Educação Física encontra para promover acesso do aluno surdo ao desporto?
- ✓ 4- Como observa a política de inclusão bilíngue de aluno surdo na Educação Física na rede regular de ensino?
- ✓ 5- Qual aceitação do aluno surdo na aula de Educação Física referente às regras da arbitragem esportiva?
- ✓ 6- Na sua formação profissional houve ensino de como utilizar especificamente arbitragem esportiva para o aluno surdo?

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente estudo propõe que haja uma discussão científica por meio dos dados levantados a respeito da educação inclusiva bilíngue do indivíduo surdo e o reconhecimento de sua comunidade, costume e, sobretudo, identidade linguística, pois só ofertando com maior ênfase o processo de capacitação do professor de Educação Física ouvinte em incentivar o desporto visual e arbitragem para o surdo, haverá de fato o cumprimento da função de uma Educação Física bilíngue dando maior promoção para a comunidade surda junto a sua Federação Desportiva de Surdos do Estado do Rio de Janeiro (FDSERJ).

Através dos dados das informações, pode-se concluir que muitos danos foram causados no sujeito surdo desde o campo escolar, linguístico, cognitivo e social. E isso poderia ser evitado se houvesse maior interesse do profissional de Educação Física durante sua formação para este campo específico de pesquisa. Tais prejuízos sofridos pelo surdo durante o processo de ensino-aprendizagem só evidenciam a importância do professor de Educação Física como profissional capacitado em LIBRAS. Desde que, os profissionais não conhecem nem que seja a pessoa do sujeito surdo quanto reconhecimento linguístico (GRÁFICO 1), inclusão bilíngue. E, sem o conhecimento de LIBRAS, os professores de Educação Física não se veem ainda qualificados de maneira a atender as necessidades linguísticas do aluno surdo.

Gráfico 1 – Resultado da pergunta 1.



Fonte: O autor, 2019.

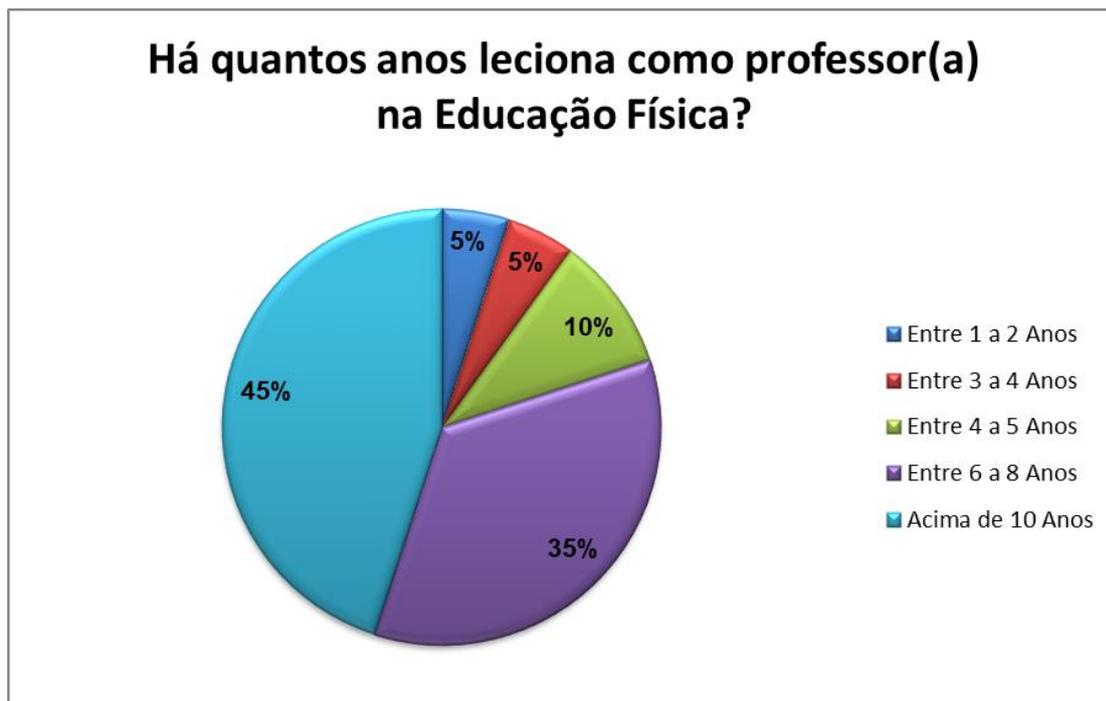
Após análise obtida, através da pesquisa realizada com os professores de Educação Física, é possível observar a falta de conhecimento ao que se diz respeito o sujeito surdo feito pela pergunta 1: O surdo é um deficiente? (GRÁFICO 1) onde 90% dos professores entrevistados acreditam que o indivíduo surdo possui uma deficiência, fato que é comprovado não ser verídico pelos estudos socioantropológicos e linguísticos, onde a comunidade surda se empodera pelo uso da LIBRAS como minoria linguística; em comparação aos 10% que negam essa atribuição. A não visibilidade do surdo pelo professor de Educação Física quanto pertencimento de uma comunidade de minoria linguística ainda é motivo da escassez do surdo a prática esportiva e divulgação de uma arbitragem visual no país. Góis Junior et al. cita:

Mesmo intactas em si mesmas, as condutas se inscrevem em outras trajetórias sociais. Obedecem a critérios, classificam-se segundo categorias, visam a objetivos que mudam. Essas questões revelam uma formalidade das práticas (práticas de linguagem, práticas profissionais ou crenças etc.) [...] Uma das tarefas da história é medir a distância, ou as relações, entre as formalidades das práticas e das representações [...].(GÓIS JUNIOR; SOARES CARMEN, 2018)

É necessária ao professor de Educação Física a conceituação do saber sobre o surdo como parte integrante de sua carreira profissional, pois, 45% tem dez anos acima de docência, como referencia a pergunta 2: Há quantos anos leciona como professor(a) na Educação Física? (GRÁFICO 2) o que entra em concomitância com a pergunta 3: Qual barreira que o professor (a) de Educação Física encontra para promover acesso do aluno surdo ao desporto? (GRÁFICO 3), fato que não seria positivo, desde que, os 85% dos entrevistados disseram não saber a LIBRAS.

Porém, na pergunta 4: Como observa a política de inclusão bilíngue de aluno surdo na Educação Física na rede regular de ensino? 35% afirmaram ser excelente para 25% declararam ser muito bom, o que contradiz com os 85% dos mesmos terem afirmado em não saber a LIBRAS, observando-se ser uma resposta evasiva e sem fundamentação. Os dados demonstram o quanto é importante para o professor de Educação Física ter clareza dos conceitos interrogados sobre o surdo para a possibilidade de atender essa demanda, fato que se refletiu nas perguntas 2, 3 e 4.

Gráfico 2 – Resultado da pergunta 2.



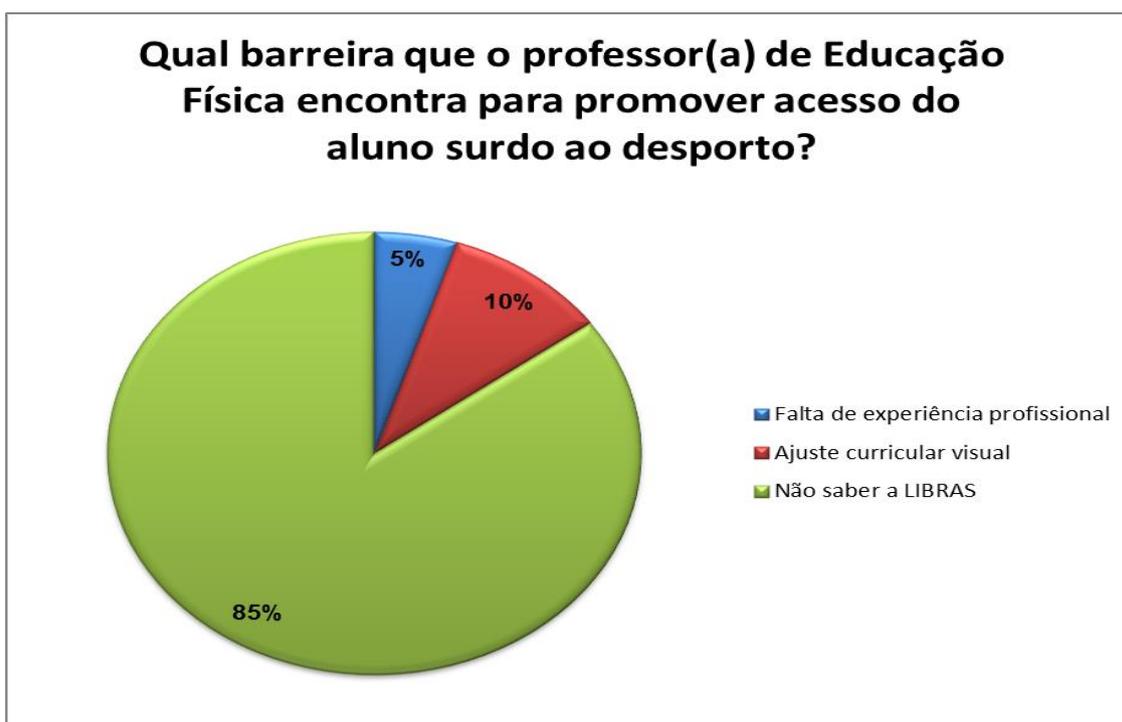
Fonte: O autor, 2019.

Entretanto na pergunta 2 (GRÁFICO 2): Há quantos anos leciona como professor (a) na Educação Física?, tais circunstâncias, quaisquer que forem, acabam acarretando a esse professor de Educação Física o não conhecimento bilíngue como experiência educacional com o aluno surdo. Assim, tivemos um resultado obtido de 45% dos professores de Educação Física que se graduaram a mais de 10 anos; sendo 35% graduados entre 6 a 8 anos; entre 10% de 4 a 5 anos graduados e 5% ficaram entre 3 a 4 e 1 a 2 anos apenas administrando aulas de Educação Física. Barros et al. apud Tita et al. (2018, p.621), cita que:

O professor de educação física [...] tem um contato muito mais próximo e pode até ter oportunidade de conhecer os alunos de uma forma que os outros até não têm, pela existência dessa proximidade.

Com esses resultados podemos afirmar que a maioria dos professores de Educação Física, que estão exercendo atualmente suas carreiras, não tiveram a formação e incentivo para o uso da LIBRAS e trato bilíngue para com essa comunidade.

Gráfico3 - Resultado da pergunta 3.

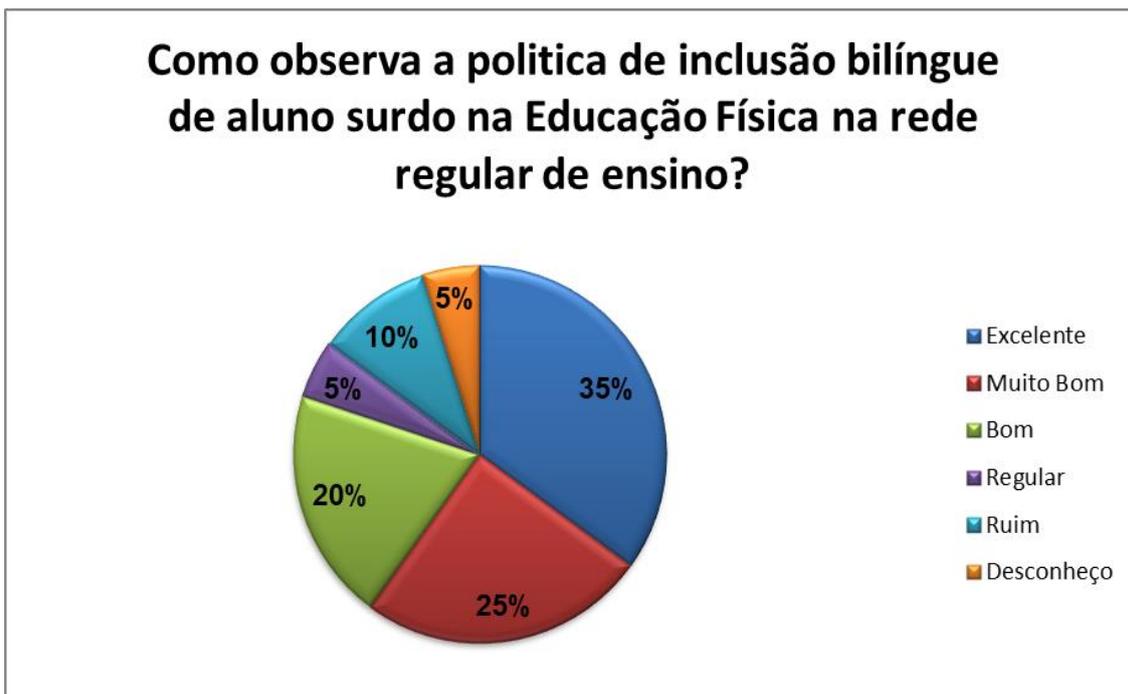


Fonte: O autor, 2019.

No resultado da pergunta 3 (GRÁFICO 3): Qual barreira que o professor (a) de Educação Física encontra para promover acesso do aluno surdo ao desporto?, demonstra que 85% dos professores afirmaram encontrar barreiras para promover acesso ao surdo ao desporto, tendo mais de 10% afirmando obter uma maneira para interagir e incluir o aluno na aula, para 5% dos professores de Educação Física declararem não ter experiência profissional para saber incluir e interagir com o aluno surdo, por falta, de não ter conhecimento referente a LIBRAS, o que é de suma importância para acessibilidade educacional do surdoatleta. Barros et al. apud Cunha et al. (2018, p.607)

O professor vê-se numa emergência de construção de novos saberes. As questões principais que enfrenta na prática cotidiana dizem respeito a processos que geram perguntas tais como: Em que medida consegue atender as expectativas dos alunos? Como compatibilizá-las com as exigências institucionais? (...) Como trabalhar com turmas heterogêneas e respeitar as diferenças? (...) É preciso dar conta do cumprimento do programa de ensino, mesmo que os alunos não demonstrem interesse/prontidão para o mesmo? Como, em contrapartida, podem-se garantir conhecimentos que lhes permitam percorrer a trajetória prevista pelo currículo? Tem sentido colocar energias em novas alternativas de ensinar e aprender? Como é possível contribuir para propostas curriculares inovadoras?

Gráfico 4 – Resultado da pergunta 4.



Fonte: O autor, 2019.

Na pergunta 4 (GRÁFICO 4): Como observa a política de inclusão bilíngue de aluno surdo na Educação Física na rede regular de ensino?, em relação à política de inclusão 35% acha excelente; 25% muito bom; 20% bom; 10% ruim; 5% regular é 5% desconhece a política de inclusão bilíngue para o surdo. O autor esclarece a importância do professor pertencer ao seu alunato:

O professor de educação física [...] tem um contato muito mais próximo e pode até ter oportunidade de conhecer os alunos de uma forma que os outros até não têm, pela existência dessa proximidade. (BARROS et al. apud TITA, 2018, p.621)

Os dados se confrontam para resposta sem conexão com os apresentados na pergunta 3, que mostrou 85% dos professores afirmando encontrar barreiras para promover acesso ao surdo ao desporto, o que confronta, para 35% supostamente afirmarem ser excelente.



Fonte: O autor, 2019.

Na pergunta 5 (GRÁFICO 5): Qual aceitação do aluno surdo na aula de Educação Física referente às regras da arbitragem esportiva?, percebe-se pelos dados obtidos, um alerta aos profissionais de Educação Física, considerando que na comunicação e na aceitação do aluno surdo na aula de Educação Física referente às regras da arbitragem esportiva, os dados afirmarem: 50% desconhecer, 20% muito bom; 15% bom; 10% regular e 5% excelente. Analisando os valores é possível afirmar que mais de 50% não sabem nem como devem incluir arbitragem visual bilíngue para o aluno em um desporto. Barros et al. apud Alice (2018, p.621), cita que:

[...] eu posso, através da educação física, trabalhar o caráter, a formação integral do aluno, formar e tentar mudar as concepções adquiridas. Assim como todos os valores inerentes ao desporto são aplicáveis noutras áreas.

Portando, o referencial deixa claro que muitos professores de Educação Física não tiveram a disciplina de LIBRAS na sua formação, e quando forem atuar com um aluno surdo não ensinarão as regras do desporto na arbitragem visual devido o desconhecimento específico desta. O aluno surdo observa quando o professor desconhece a LIBRAS e não interage com ele, fazendo uma

exclusão/integração do aluno pelo desconhecimento da língua de sinais.

Gráfico 6 – Resultado da pergunta 6.



Fonte: O autor, 2019.

Na pergunta 6 (GRÁFICO 6): Na sua formação profissional houve ensino de como utilizar especificamente arbitragem esportiva para o aluno surdo?, os dados demonstrados apresentam o despreparo e falta de conhecimento do professor de Educação Física acerca da LIBRAS (lei nº 10.436/2002 e decreto nº 5.626/2005) como nuances do surdo, pois 95% não tiveram formação profissional de como utilizar especificamente arbitragem esportiva para o aluno surdo, para somente, 5% afirmaram terem tido. Barros et al. apud Alice (2018, p.620)

O professor é professor de uma turma, mas também é diretor de turma, coordenador de departamento. Pede-se que colabore na elaboração do projeto educativo, no projeto curricular de turma. É pedido que dê aulas de substituição, de apoio, é pedido que [...] o professor também o seja fora da aula. São muitos papéis mesmo.

Isso, acarretaram graves consequências para a formação educacional é desenvolvimento esportivo do aluno surdo que poderia ter em seu desporto como prática a o uso de arbitragem visual.

A professora surda Dra. Strobel (2009, p.42)) deixa a seguinte reflexão sobre a representatividade da comunidade surda e que pode ser utilizada para o

devido cuidado em incentivar que o professor de Educação Física deve ter com seu aluno surdo:

As comunidades surdas no Brasil têm uma história longa. O povo Surdo brasileiro deixou muitas tradições e histórias em suas organizações das comunidades surdas, que podem ser associação de surdos, federações de surdos, confederações e outros. Associação iniciou diante de uma necessidade de povos surdos terem um espaço ao se unirem e resistirem contra as práticas ouvintistas que não respeitavam a cultura deles. No início as associações de surdos tinham exclusivamente o objetivo de natureza social devido ao baixo padrão de vida no século XVIII, os sujeitos surdos tinham a finalidade de ajudar uns aos outros em caso de doença, morte e desemprego e, além disso, as associações se propunham a fornecer informações e incentivos através de conferências e entretenimentos relevantes.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na elaboração deste trabalho, procuramos responder ao que apontou como necessidade, isto é, uma articulação entre pesquisa/ensino no cotidiano em prol do sujeito surdo, na função de mobilizar saberes, investigar, sistematizar e intervir, que nesse caso foi o ensino da Educação Física por meio de uma arbitragem visual. Para o professor de Educação Física Alan da Costa Gervasio, a Educação Física deve objetivar ao surdoatleta o reconhecimento e apoio da FDSERJ para sua qualidade de vida, o que despertará o desenvolvimento da arbitragem visual como prática. Ele cita:

As barreiras comunicacionais ainda enfrentadas pelos surdos para estabelecer uma Educação Física bilíngue, longe do referencial da comunidade surda, evoca a necessidade de se cumprir uma legislação em promover o ensino da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Tal dever é cabido aos pais ouvintes que tem filhos surdos; tradutores e interpretes da LIBRAS; professores; amigos e simpatizantes pela causa, sobre a importância dos surdos em congregarem-se nas suas comunidades linguísticas tais como: associações, grupos, instituições educacionais, federações, instituições religiosas e demais órgãos, para serem gestores de uma dimensão sócio interacionista, em que possibilitem pelo uso da língua de sinais, as várias atividades socioculturais dos mesmos dentro do esporte, que objetiva exclusivamente a qualidade de vida para esse cidadão. (2018, p.27)

Para Ulrich Palhares Fernandes, surdo, pedagogo bilíngue do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), pesquisador educação e linguística do surdo e militante político do movimento surdo brasileiro, a aprendizagem para o estudante surdo no Brasil foi muito tardia, sendo o conteúdo desenvolvido no esporte pela Educação Física muito importante para a promoção do desporto por meio de professores bilíngues e tradutor e intérprete para surdotleta. Ele cita, que a FDSERJ é justamente a Federação da comunidade surda que usa sua própria língua tendo no surdo o seu par de contatos linguístico como estímulo ao esporte pela própria educação, o que também promove a uso da arbitragem visual.

O surdoatleta judoca Alexandre Soares Fernandes categoria 81 kg, medalha de bronze na Surdolimpíada 2019, Turquia 2017, Mundial de judô surdo na Venezuela em 2016, campeão com bronze na categoria 90 kg e em 2012 (1 medalha de prata e 2 de bronzes) e Taiwan 2009, explica a importância de difusão da arbitragem visual para surdos na Educação Física, e cita que a arbitragem no judô foi desenvolvida aos poucos através da experiência das competições de surdos através de ajustes visuais por meio de uma arbitragem de gestos e toques durante as competições, desde que tais arbitragens visuais são próprias para os surdos devido ao seu campo visual acirrado. E quando ocorre uma competição com um atleta ouvinte, esse é avisado que irá competir com um surdoatleta.

Cristiane da Silva Agria, professora de Educação Física e tradutora e intérprete de LIBRAS, relata que a arbitragem visual é de suma importância para o surdoatleta, pois oferece existência de sinais relacionados às regras de cada modalidade esportiva, facilitando muito o desenvolvimento e a qualificação do surdoatleta na sua vida profissional.

Em relação aos profissionais de Educação Física ouvintes para trabalhar com surdos, a professora explica que é necessário ter experiência com a LIBRAS, sendo enriquecedor na criação de novos sinais para a área esportiva, facilitando assim o jogo na sua prática em competições, pois a Educação Física trabalha o caráter integral do aluno surdo.

[...] eu posso, através da educação física, trabalhar o caráter, a formação integral do aluno, formar e tentar mudar as concepções adquiridas. Assim como todos os valores inerentes ao desporto são aplicáveis noutras áreas. (BARROS et al. apud ALICE, 2018, p. 621)

Segundo Andrico Moraes Xavier, surdo graduado em Letras LIBRAS pela Universidade Federal de Santa Catarina, professor titular da Universidade do Estado de Mato Grosso e diretor de esporte da FDSERJ, com aprovação e da lei de LIBRAS houve até um maior número de professores de Educação Física que saibam a LIBRAS para incentivar o surdo ao esporte.

Para o surdoatleta Arlindo Madela a importância da difusão de uma arbitragem visual valoriza o desporto para o surdo e desenvolvimento, o mesmo que ocorreu no surf onde a arbitragem utiliza bandeiras coloridas para demarcar o tempo das competições.

Por fim, este presente estudo busca despertar a reflexão dos professores a respeito do ensino inclusivo bilíngue para o aluno surdo, da importância de se conhecer a cultura, LIBRAS, identidade, comunidade e os costumes da comunidade surda no intuito de promover a relevância do desporto visual para uma Educação Física bilíngue através da arbitragem esportiva para essa comunidade.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, J. *Fazer monografia é moleza: o passo a passo de um trabalho científico*. 3 ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2011.

ALBRES, N. A. *Surdos & inclusão educacional*. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2010.

AMARÍLIO. Saberes compartilhados no ensino de jogos e brincadeiras: maneiras/artes de fazer na Educação Física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 34, n.3, p. 615 – 631, 2012.

APADASC. Apada Porto União Santa Catarina. *Símbolo Internacional da Surdez*. Disponível em: <<http://www.apadaf.com.br/links-uteis>>. Acesso em: 11 nov. 2019.

AUMONT, J. *A Imagem*. São Paulo: Papyrus, 1993.

AZEVEDO, N. C. S.; BETTI, M. Escola de tempo integral e ludicidade: os pontos de vista de alunos do 1º ano do ensino fundamental. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 95, n. 240, p. 255 – 275, 2014.

BARROS, I.; PACHECO, A. R.; BATISTA, P. A experiência de estágio: o impacto e as primeiras vivências do estudante estagiário de Educação Física. *Rev. Bras. Estudo. Pedagógico*, Brasília, v. 99, n. 253, p. 620, set./dez. 2018.

BRASIL. *Lei da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) nº 10.436 de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em: 11 nov. 2019.

_____. *Decreto da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) nº 5.626 de 2005*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 11 nov. 2019.

_____. *Lei do tradutor e intérprete da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) nº 12.319 de 2010*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12319.htm>. Acesso em: 11 nov. 2019.

CAPÓVILLA, F.; DUARDE, W. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais – Libras*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Vols. de A-L e M-Z. 2001.

CARVALHO, C. H.; JUNIOR, L. C. M. *Os que ouvem mais que nós*. 1. ed. Rio de Janeiro: Litteris, 2013.

ESTADÃO. *Novo símbolo de acessibilidade/Set/ 2017*. Disponível em: <<https://brasil.estadao.com.br/blogs/vencer-limites/onu-cria-novo-simbolo-para-acessibilidade/>>. Acesso: 11 nov. 2019.

FDSERJ. Blog da Federação Desportiva de Surdos do Estado do Rio de Janeiro (FDSERJ). Disponível em: <<http://fdserj.blogspot.com/>>. Acesso: 15 set. 2019.

_____. Federação Desportiva de Surdos do Estado do Rio de Janeiro (FDSERJ). Disponível em: <<http://cbds.org.br/institucional/filiadas/fdserj-2/>>. Acesso: 15 set. 2019.

_____. Federação Desportiva de Surdos do Estado do Rio de Janeiro (FDSERJ). Slide de apresentação para o desporto para o surdo da OAB/RJ, 2018.

FIORINI, M. L. S.; MANZINI, E. J. Dificuldades e Sucessos de Professores de Educação Física em Relação à Inclusão Escolar. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 22, p. 49 – 64, 2016.

GERVASIO, A.C. *Educação Física e Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS: currículo e acessibilidade bilíngue do surdo ao desporto*. Trabalho de conclusão (em Educação Física). Faculdades São José, Rio de Janeiro, 2018.

GOIS JUNIOR, E. ; SOARES, C. L. Os comunistas e as práticas de educação

física dos jovens na década de 1930 no Rio de Janeiro. São Paulo: *Educ. Pesquisa*, v. 44, e175380, 2018 .

INCLUSÃO. Mundo da inclusão. *A revista do educador*. Ed. Minuano, 2014.

INES. Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES. *Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais*. Versão 2.0, 2005, 1 CD-ROM.

_____. Sinalizando a sexualidade e independência e vida (Prevenção ao abuso de drogas). Coleção educação de surdos. Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, 2003, 1 CD-ROM.

_____. Sinalizando a prevenção dos DST/AIDS. Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, 2008.

JUNIOR, E. G.; SOARES, C. L. Os comunistas e as praticas de educação Física dos jovens na década de 1930 no Rio de Janeiro. São Paulo: *Educação. Pesquisa*, v 44, e1380, 2018

KAZ, R. *Freud, Marx e Foucault em sinais*. Jornal O Globo, Rio de Janeiro: Encarte educação, p.8, 07 out. 2013.

LIMA, L. L. de. A relevância da FDSERJ para a promoção ao desporto do aluno surdo. Trabalho de conclusão (em Educação Física). Faculdades São José, Rio de Janeiro, 2019.

QUADROS, R. M. *Educação de Surdos: aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SACKS, O. W., 1993. *Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*/Oliver Sacks; tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SÁ, N. R. L. *Cultura poder e educação de Surdos*. São Paulo: Paulinas, 2006. (Coleção Pedagógica e Educação)

SILVA, Raquel Vieira da. A capacitação do professor ouvinte para promover a inclusão bilíngue do aluno surdocego. Trabalho de conclusão (em Pedagogia). Faculdades São José, Rio de Janeiro, 2017.

SMARTKIDS. *Alfabeto e números em LIBRAS*/Jan/ 2018. Disponível em: <<https://www.smartkids.com.br/atividade/alfabeto-libras/>>; <https://www.passeidireto.com/arquivo/4723015/alfabeto_libras/>. Acesso:11 nov. 2019.

SKILIAR, Carlos. Abordagem sócio-antropológica em educação especial. In:__(org.) *Educação e exclusão; abordagens sócio-antropológicas em educação especial*.Porto Alegre: Mediação, p.7-49. 1998a

STRNADOVA, V. *Como é seu ser surdo*. Rio de Janeiro: Babel, 2000.

VELOSO, E; MAIA, V. *Aprenda Libras com eficiência e rapidez*. Paraná: Ed. Mãos Sinais. 2009.

VITASONS. *Símbolo internacional da surdez*. Disponível em:<<https://www.vitasons.com/blog/voc-conhece-o-smbolo-internacional-de-surdez.html>>. Acesso:11 nov. 2019.

UFMG. *Símbolo acessível em LIBRAS/set/2013*. Disponível em:<<https://www.ufmg.br/marca/libras/>>. Acesso em: 11 nov. 2019.